

Com medo de perder a escola

ADRIANA BERNARDES
DA EQUIPE DO CORREIO

Fotos: Iano Andrade/CB

A Escola Classe 56, no Setor O de Ceilândia, começa o ano com as portas fechadas para reforma. Ao invés de comemorar, os pais se mobilizaram em um protesto, na manhã de ontem. A reação veio depois que eles souberam de um laudo que condena a estrutura e recomenda a demolição do prédio e a construção de um novo. Para entender o motivo da indignação é preciso voltar no tempo. Em junho de 2002, a Escola Classe 53, a duas quadras dali, foi fechada para reforma e nunca mais funcionou. Passados três anos e meio, resta apenas o muro, já parcialmente destruído pela ação dos vândalos. Onde antes foi um local de aprendizado, hoje é espaço em que as crianças soltam pipa e os adultos despejam entulho da construção, lixo doméstico e podas de árvores.

O receio dos moradores é de que a história se repita. “A comunidade já perdeu uma escola e não vai correr o risco de perder outra”, avisa Viridiano Custódio de Brito, da Associação Comunitária da Expansão do Setor O (Aceso). Acompanhada dos filhos Paloma, 7 anos, e Marlon, 4 anos, a dona-de-casa Cristiane Silva Souza, 32 anos, foi à manifestação para exigir uma resposta do governo. “Tenho medo de perder essa escola também. A situação só está piorando para quem mora aqui. Primeiro o governo diz que não terá vaga para a educação infantil. E agora isso”, reclama. “Eu estou triste. Não queria sair dessa escola”, completa Paloma.

O Sindicato dos Auxiliares em Administração Escolar (SAE-DF) cobra coerência dos técnicos do Governo do Distrito Federal (GDF). Segundo o diretor do SAE, Aristóteles Roberto Silva, existem dois laudos com conclusões diferentes. “O da Terracap recomenda a demolição. O da Secretaria de Educação diz que reparos emergenciais na laje e na fiação resolvem o problema. Queremos que eles entrem num acordo”, reivindica Silva. A escola apresenta problemas graves de infiltração, que afetaram também a

rede elétrica. Como as portas são de metal, os alunos e funcionários levavam choque ao encostar nelas. Além disso, as portas dos banheiros estão arrancadas e há vazamento em quase todas as válvulas de descarga. Em alguns pontos, é possível ver fios da rede elétrica descobertos, e as lâmpadas dos banheiros desapareceram há algum tempo.

Transtornos

Os 970 alunos da Escola Classe 56 já foram transferidos para outras instituições de ensino de Ceilândia. As famílias reclamam que a mudança causará transtornos. A manicure Antônia Alcântara, 40 anos, mãe de dois filhos, conta que uma das crianças vai estudar no Setor O e a outra, no P Norte. “Ainda não sei como farei para levá-los para a escola. O mais velho tem só 10 anos e não tenho coragem de deixá-lo ir sozinho porque aqui é muito perigoso”, afirma.



OS MANIFESTANTES CAMINHARAM ATÉ AS RUÍNAS DA ESCOLA CLASSE 53, QUE FOI FECHADA EM 2002 PARA SER RECONSTRUÍDA, MAS NUNCA MAIS FUNCIONOU



CARTAZES FORAM COLADOS NAS PAREDES DA EC 56: INDIGNAÇÃO

Segundo a passadeira Luzivalva Oliveira de Araújo, 31 anos, a Secretaria de Educação garantiu que os ônibus escolares vão transportar os alunos. Mas nem isso a deixa mais tranquila. “O ônibus do governo passa às

13h05, mas as aulas acabam às 12h30. Enquanto isso a criança fica na rua, na porta da escola, brigando e podendo ser levada por gente ruim”, teme.

O grupo marcou uma reunião com o chefe de gabinete da Secre-

taria de Educação, às 11h de segunda-feira. A comunidade quer garantias de que a Escola Classe 56 não será fechada, a exemplo do que aconteceu com a Escola Classe 53. “A comunidade aceita o remanejamento temporário. Mas quer um documento do governo dizendo quando a obra começa e quando termina”, afirma Denivaldo Alves do Nascimento, secretário-geral da SAE-DF.

A Secretaria de Educação informou que o laudo conclusivo fica pronto na terça-feira e que, antes disso, não falará sobre o assunto. Sobre a Escola Classe 53, demolida em 2002, a construção da nova sede já foi licitada e a obra deve ser concluída em dezembro deste ano. A previsão é de que volte a funcionar em 2007 como Centro de Ensino Fundamental. Segundo a secretaria, a obra demorou a sair porque não estava prevista no orçamento e o processo de licitação é demorado.